

A CONTRIBUIÇÃO DO PROFESSOR AFRÂNIO GARCIA NA MINHA FORMAÇÃO SOCIOLÓGICA

PROFESSOR AFRÂNIO GARCIA'S CONTRIBUTION TO MY SOCIOLOGICAL STUDIES

José Benevides Queiroz*

A importância do professor Afrânio Garcia Júnior na minha trajetória na sociologia não decorreu de um objeto de pesquisa em comum, tampouco de sua importante produção científica. Meu primeiro contato com ele poderia ser tentado a dizer que foi por acaso! Contudo, uma explicação calcada no acaso nunca é razoável para a sociologia, consequentemente inaceitável para o professor Afrânio.

Meu encontro com o professor Afrânio foi, na verdade, decorrente de algumas situações. Na chegada a Paris para o doutorado sanduíche, em janeiro de 2003, me deparei com a seguinte situação: o professor da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS), brasileiro, que tinha ficado

com a responsabilidade de me recepcionar/orientar, dentro do acordo CAPES-COFECUB¹, simplesmente, sem que me avisasse, antecipou as férias. A implementação da bolsa por parte da Capes, minha única fonte de renda naquele momento, dependia da anuência do referido professor. Sem saber como resolver o problema, alguns colegas, futuros amigos da Maison du Brésil, sugeriram que tentasse uma entrevista com o professor Afrânio que, por sua generosidade, certamente não recusaria assumir minha orientação junto à Capes. E assim procedi: fui ao Centro de Pesquisa sobre o Brasil Contemporâneo (CRBC), sediada na Escola de Altos Estudos, e marquei um *rendez-vous* com a secretária dele.

* Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, MA, Brasil. E-mail: jose.benevides@ufma.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5622-0163>.

¹ CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (órgão do Ministério da Educação do Brasil). COFECUB: Comité Français d'Évaluation de la Coopération Universitaire et Scientifique avec le Brésil (Comité Francês de Avaliação da Cooperação Universitária e Científica com o Brasil).

O dia do *rendez-vous* no CRBC, primeiro contato direto com o professor Afrânio, foi marcado por surpresas, gratificantes e desafiadoras. Para meu alívio, de antemão, ele aceitou assumir a orientação. Não só! Mesmo não trabalhando com meu objeto de estudo, mas nem por isso alheio ao mesmo, se dispôs a acompanhar de perto meu estágio e pesquisas do doutorado sanduíche. No mesmo encontro, fui confrontado por pertinentes observações do professor Afrânio sobre meu projeto de doutorado – elaborado avaliando ser uma genuína descoberta, ao detectar que, a partir de minhas aulas de teoria sociológica clássica, havia nas obras e textos de Émile Durkheim uma crítica à economia política. Ele, porém, me informou que na França isto já tinha sido feito há muito tempo e que novos estudos estavam em andamento sobre o objeto em questão. Neste sentido, ele indicou o livro *Durkheim et la Science Économique* (AIMARD, 1962), e as várias pesquisas dos anos 1990 e início da década seguinte, destacando as do professor Philippe Steiner (1995, 1999).

A partir desse primeiro contato, munido de suas várias indicações, coloquei em andamento uma revisão do meu projeto inicial, que tinha por pretencioso título *Durkheim e a economia*. Além de passar a acompanhar os seminários de CRBC sob sua coordenação, mantive ao longo de meu estágio de doutorado sanduíche orientações regulares com o professor Afrânio, o que redundou numa redefinição de meu estudo: de algo amplo, muito genérico, a tese passou a ser desenvolvida em torno da natureza da crítica *durkheimiana* à economia. Tanto assim que, posteriormente, para sua defesa, ela teve como título “Durkheim: em busca da (re)moralização da economia”².

Nessa caminhada compartilhada, no prosseguimento de minha pesquisa, foram incorporados novos elementos bibliográficos, sendo alguns verdadeiros achados. Um bom exemplo é o último texto que Durkheim publicou antes de morrer, a pedido do jornal *La Dépêche de Toulouse*, orientado majoritariamente por doutrinas socialistas, e que respondia à seguinte questão: *é possível supor que a questão econômica* [quando do fim da Primeira Guerra mundial] *deverá ser colocada no primeiro plano dos programas partidários?* Dentre as várias passagens do pequeno texto de Durkheim, eis a que o professor Afrânio ressaltava como a mais importante: “a atividade econômica é coisa eminentemente social, ela visa fins sociais, interesses sociais, e, conseqüentemente, ela tem a necessidade de ser “socialmente organizada”” (Durkheim, 2011, p. 229). Segundo ele, o olhar *durkheimiano* sobre a economia era essencialmente sociológico.

Esses compartilhamentos de pesquisa, com as devidas observações críticas do professor Afrânio, muito contribuíram para o amadurecimento de minha compreensão da sociologia. Tendo aos poucos percebido a forte influência marxista em minha formação original, ele me mostrou como as repetidas exegeses – muito comum ainda hoje entre alguns sociólogos brasileiros – acabavam perdendo de vista a efetiva contribuição dos textos *marxianos* à compreensão da realidade social. Como enfatizava, dois argumentos permitiam a percepção dessa contribuição. Primeiro, como no pensamento sociológico desde seu nascedouro, o conhecimento da sociedade moderna deve estar amparado na pesquisa; em *O Capital*, por exemplo, a explicação é toda fundamentada nos dados, fatos e acontecimentos

2 A tese foi defendida em 2006.

históricos, e não em especulações do que a realidade *deve ser*. Este aspecto evidenciava uma semelhança com a concepção que viria a ser adotada por Durkheim. Não só! Como observava o professor Afrânio, e eis o segundo argumento, havia uma concórdância entre o francês e o alemão no que se referia ao modo de explicar a vida social e de entenderem que esta não é transparente para as pessoas que a compõem. De fato, no artigo que escreveu para a *Revue Philosophique*, resenhando o livro de Antonio Labriol³, Durkheim faz o seguinte comentário sobre a teoria de Marx: “avaliemos fecunda esta ideia de que a vida social deve ser explicada, não pela concepção daqueles que dela participam, mas pelas causas profundas que escapam à consciência: pensamos igualmente que estas causas devem ser procuradas principalmente na maneira na qual estão agrupados os indivíduos associados” (Durkheim, 1987, p. 250). Ou seja, nesse aspecto, Durkheim seguia de perto a perspectiva de Marx. Para além da inócua e repetitiva exegese, como o professor Afrânio bem alertava, era necessário não perder de vista o ato da pesquisa.

Vendo em retrospectiva, não há como negar o quão essa experiência do doutorado sanduíche foi marcante em minha formação, por melhor me permitir direcionar o desenvolvimento de minha tese, bem como os passos sociológicos seguintes. Minhas posteriores pesquisas – sobre a sociologia de Florestan Fernandes, a recepção da sociologia de Durkheim no Brasil e o suicídio – sempre compartilhei com o professor Afrânio quando o encontrava, na França ou em São Luís, e sempre ele fazia interessan-

tes indicações e sugestões que, em geral, as incorporava em meus estudos.

Na verdade, toda essa experiência relatada permite afirmar que a triste e precoce perda do professor Afrânio Garcia é compensada pelo legado que transmitiu a mim e a muitas outras pessoas. Não sou ele, pois estou muito distante de seu saber sociológico e de sua generosidade sem igual. No entanto, como quem é lembrado sempre vive, o professor Afrânio Garcia permanece como referência na minha caminhada sociológica.

Referências

AIMARD, G. *Durkheim et la Science Économique*. Paris : PUF, 1962.

DURKHEIM, E. A política de amanhã. *Perspectivas*, v. 40, jul/dez 2011.

DURKHEIM, E. La conception matérialiste de l'histoire. In: DURKHEIM, E. *La Science Sociale et L'Action* 2. éd. Paris: PUF, 1987.

GISLAIN, J-J. STEINER, P. *La Sociologie Économique 1890-1920*. Paris: PUF, 1995.

LABRIOLA, A. *Essais Sur la Conception Matérialiste de L'Histoire*, 2e éd. Paris: Librairie-Éditeur, 1928.

STEINER, P. *La Sociologie Économique*. Paris: La Decouverte, 1999.

3 Trata-se do livro *Ensaio sobre a concepção materialista da História*, que Labriola escreveu em homenagem aos 50 anos de publicação do *Manifesto do Partido Comunista*, escrito por Karl Marx e Frederick Engels em 1848.